

XIII Reunião de Antropologia do Mercosul

22 a 25 de Julho de 2019, Porto Alegre (RS)

GT 20 - ANTROPOLOGIA MARÍTIMO-COSTEIRA: ENFOQUES TEÓRICO-
METODOLÓGICOS EM CONTEXTOS SUL-AMERICANOS

Gênero e conflitos socioambientais: impactos socioambientais da indústria do
Petróleo na perspectiva das mulheres pescadoras de Macaé/RJ

Diego Carvalhar Belo
Marcelo Carlos Gantos
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Gênero e conflitos socioambientais: impactos socioambientais da indústria do Petróleo na perspectiva das mulheres pescadoras de Macaé/RJ

Diego Carvalhar Belo-UENF
Carvalharbelo@gmail.com

Coautor: Marcelo Carlos Gantos - UENF
mcgantos@gmail.com

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é discutir a representação que as mulheres pescadoras têm sobre sua atividade e sobre os conflitos socioambientais gerados em torno da apropriação e controle dos espaços marítimos pela instalação de plataformas petrolíferas na Bacia Sedimentar de Campos, no litoral norte do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada no município de Macaé, estado do Rio de Janeiro, no âmbito do projeto Mulheres na Pesca, no ano de 2018. A metodologia empregada fez uso da técnica de estudo de caso, com a realização de entrevistas semiestruturadas com mulheres que trabalham na atividade pesqueira. A pesquisa revela como as mulheres percebem e atuam em relação aos conflitos socioambientais, demonstrando que os custos dos conflitos socioambientais são sexualmente diferenciados, impactando sobremaneira as mulheres devido a sua falta de acesso a recursos e oportunidades, e a escassez de mecanismos disponíveis, como a falta de autonomia financeira. Neste sentido, dada a natureza patriarcal de nossa sociedade, a participação das mulheres na esfera pública é limitada de várias formas.

Introdução

O presente artigo apresenta uma análise das relações de gênero na pesca artesanal do município de Macaé e suas interconexões com o meio ambiente e os conflitos gerados entorno da apropriação e controle dos espaços marítimos pela instalação de plataformas petrolíferas na Bacia Sedimentar de Campos, no litoral do estado do Rio de Janeiro.

Os dados aqui utilizados são parte de um estudo qualitativo que envolve a construção de histórias de vida de pescadoras e trabalhadoras da pesca de sete municípios no âmbito do projeto de pesquisa “Mulheres na pesca: mapa dos conflitos socioambientais em municípios do Norte fluminense e das baixadas

litorâneas”¹. A pesquisa envolve um estudo de caso em um dos municípios integrantes do projeto, Macaé, no litoral norte do estado do Rio de Janeiro. No âmbito do projeto, coube a nós a responsabilidade de coordenar o campo e as análises deste município. Sendo assim, a escolha de Macaé para produção deste artigo se deve à metodologia traçada pelo projeto de divisão das coordenações dos campos de pesquisa.

O estudo feito em Macaé, sob nossa coordenação, traz apontamentos acerca das relações de gênero e sua interação com a temática dos conflitos socioambientais, a partir de entrevistas realizadas com 14 mulheres que trabalham na cadeia produtiva da pesca em atividades que vão desde a captura do pescado até as de beneficiamento, processamento, remendo de redes e comercialização.

Explorar este tema das relações de gênero na pesca implica a compreensão de formas concretas de atuação das mulheres diante dos conflitos socioambientais nos quais a comunidade pesqueira, como um todo, está imersa, em razão das interferências provocadas por grandes empreendimentos² de exploração nas áreas tradicionais de pesca marítima. A análise socioambiental a partir de uma perspectiva de gênero demonstra que homens e mulheres se diferem na relação que estabelecem com os recursos naturais e os ecossistemas, e, sobretudo, permite ascender a formas de conhecimento e atitudes a respeito do uso, acesso, controle, benefício, impactos e conservação dos recursos naturais, em grande medida determinados por valores sociais e estereótipos culturais (Soares et. al., 2005). Deste modo, ao realizar um diagnóstico sobre os impactos socioambientais³ de empreendimentos

¹ Os sete municípios que conformam o projeto Mulheres na Pesca são: São Francisco do Itabapoana, São João da Barra, Campos dos Goytacazes, Macaé e Quissamã, na região norte do estado do Rio de Janeiro, Arraial do Cabo e Cabo Frio, na baixada litorânea do estado.

² De acordo com Bezerra (2014) o termo “grandes empreendimentos”, também denominado de “grandes projetos industriais” ou “projeto de larga-escala” são caracterizados por empreendimentos empresariais de elevado investimento financeiro e pela mobilização de um grande contingente de capital e de mão-de-obra. Em razão dos elevados investimentos, seus impactos nos territórios onde são construídos são também bastante expressivos (BEZERRA, 2014).

³ A ABNT (2004) considera como impactos ambientais “qualquer modificação do meio ambiente, adversa ou benéfica, que resulte, no todo ou em parte, dos aspectos ambientais da organização”.(p.2) O Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), por sua vez, define como impacto ambiental, na sua resolução 001/86, “qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia

econômicos tendo como enfoque o gênero, procuramos evidenciar que a problemática que deriva da degradação ambiental e da redução dos espaços de pesca pela implantação de estruturas offshore afetam em maior medida as mulheres, porquanto são elas as principais responsáveis pela tarefa de reprodução destes grupos que são um dos mais afetados pelos passivos ambientais gerados em decorrência do modelo centrado na economia do petróleo.

Não obstante, é possível constatar que, em geral, os diagnósticos participativos de projetos de educação ambiental realizados nos municípios confrontantes à Bacia de Campos não abordam em sua metodologia a perspectiva de gênero. Este é o caso do Diagnóstico Participativo do PEA-BC⁴, cuja a metodologia de seleção dos grupos sociais não leva em consideração a diversidade cultural (e sexual) no interior destes coletivos. A ausência do gênero como uma variável crítica desconsidera as características, os contextos particulares e as singularidades destas populações que geram formas diferenciadas de experimentar os problemas e conflitos revelados pelos diagnósticos. Considerar a transversalidade de gênero em diagnósticos de impactos ambientais permite, por sua vez, introduzir modificações na forma de entender o desenvolvimento econômico e seu impacto diferenciado sobre as mulheres.

Sendo assim, buscamos realizar neste estudo uma análise das representações que as mulheres possuem dos conflitos socioambientais gerados entorno dos impactos promovidos pela indústria do petróleo aos ambientes de pesca tradicional do município de Macaé. Se descreve também

resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: a saúde, a segurança e o bem-estar da população; as atividades sociais e econômicas; a biota; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; e a qualidade dos recursos ambientais” (RESOLUÇÃO CONAMA 001/86, ART. 1º, 1986). No entanto, em nossa pesquisa adotamos a noção de impactos socioambientais, derivada da perspectiva da ecologia política, por considerarmos que sociedade e meio ambiente são inseparáveis em um mundo “material socializado e dotado de significados” (ACSELRAD, 2004). Os recursos e objetos que constituem o meio ambiente são culturais e históricos, como afirma Acselrad (2004), pois são apropriados por diferentes usos e significações, que tornam a questão ambiental intrinsecamente conflitiva.

⁴ O Diagnóstico Participativo do PEA-BC é um relatório realizado pelo Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC) junto à população dos municípios da região norte fluminense e baixada litorânea, diretamente afetados pelas atividades da indústria petrolífera (PEA-BC, 2012).

como a distribuição destes impactos está determinada por relações de gênero que se estabelecem entre os atores, dentro das comunidades pesqueiras.

Para estabelecermos uma discussão acerca dos conflitos entorno da apropriação e uso dos recursos ambientais adotamos uma perspectiva teórica que postula a noção de conflitos socioambientais. Tal perspectiva deriva dos postulados da ecologia política de Henry Acselrad (2004) de que os conflitos são decorrência dos “modos diferenciados de apropriação, uso e significação do território” (p. 26). Segundo Acselrad (2004), os conflitos socioambientais se originam quando grupos percebem que suas formas de reprodução social estão ameaçadas por impactos produzidos em decorrência das práticas de outros grupos. Para Acselrad (2004), duas noções estão na base de um cenário conflitivo: a durabilidade e a interatividade. A durabilidade envolve a noção de legitimação, por estratégias discursivas, das práticas de apropriação dos territórios e seus recursos. Para tanto, os sujeitos tendem a “acionar, no campo das representações, a capacidade de se dar durabilidade às condições materiais de exercício das atividades como um critério de legitimação” (p.22). Já a noção de interatividade pressupõe que “os conflitos ambientais opõem atores sociais que desenvolvem ou propugnam distintas formas técnicas, sociais, culturais e simbólicas de apropriação dos elementos materiais de um mesmo território ou de territórios conexos”, sendo que as práticas sociais se sustentam “na autoridade da própria denúncia”. (p.22).

1. Gênero, desenvolvimento e pesca

As discussões acerca das relações de gênero partem da premissa que esta categoria é uma construção social. Assim sendo, com o enfoque de gênero é possível analisar as relações existentes no interior dos grupos sociais, bem como as diferenças socialmente construídas em um determinado contexto (SCOTT, 1995). Segundo Joan Scott (1995) a noção de gênero enquanto categoria de análise só aparece nos estudos acadêmicos no final do século XX. Segunda esta autora, estudos relativos a uma “questão feminina” ou a “identidade sexual subjetiva” surgem anteriormente em alguns trabalhos, mas a noção de gênero só será incorporada a partir da década de 70 para explicitar os sistemas de relações sociais entre os sexos. Scott (1995) define o conceito como

uma conexão essencial e integral entre duas proposições: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1993, p. 86).

Desde que surgiu nos meios acadêmicos e políticos, a noção de gênero vem sendo mal interpretadas pela sociedade em geral, muita das vezes confundida com a ideia de sexo feminino, quando na verdade o objetivo destes estudos era realizar a distinção entre estas duas noções. A categoria gênero foi criada para destacar a construção social e simbólica inscrita a partir das diferenças anatômicas inscritas nos corpos, que definem as diferenças sexuais. Assim, gênero explica como os indivíduos percebem as diferenças sexuais, em cada época e lugar (Schraiber e d’Oliveira, 1999). Esta noção reforça as ideias de Simone de Beauvoir (1970) que, na década de 50, já afirmava que ninguém “nasce mulher, torna-se mulher”. Os estudos que se seguem às afirmações de Beauvoir promovem um refinamento desta ideia e uma ampliação de seu uso para vários campos da ciência (Schraiber e d’Oliveira, 1999). Em outras palavras, gênero incorpora a ideia de que o comportamento feminino é aprendido em um processo de socialização, não é inato.

As teorias de gênero contribuíram para revelar a persistência do patriarcado na sociedade moderna, questionando os conceitos de direito, igualdade, liberdade e democracia consagrados pela teoria moderna. Neste sentido, Mariano (2005) defende que a emergência dos valores iluministas não destruiu as bases da dominação masculina e ainda que tenha inspirado vários movimentos feministas, consagra uma noção de sujeito universalista assentado no perfil do homem branco, burguês, adulto, com funcionalidade normativa e heterossexual, que tende a apagar as especificidades de gênero, classe, etnia, orientação sexual e raça de outros sujeitos. Da mesma forma, para Carole Pateman (1993) o patriarcado teria estabelecido um ponto de conciliação com a teoria liberal ao romper com o poder do pai sobre os filhos mais velhos, mas preservado o poder dos homens, enquanto categoria social. Ainda que os autores contratualistas, afirma Pateman (1993), tenham rechaçado o direito paternal como modelo do direito político, acabaram por aceitar o direito conjugal que impõe uma dominação dos esposos sobre as esposas, como direitos não políticos, que estão fora do contrato social e, portanto, apresentados como

naturais, invisibilizando, desta forma, as relações de poder que produzem e reproduzem essa sujeição das mulheres aos homens.

O enfoque de gênero nos estudos acerca dos modelos de desenvolvimento surge no cenário acadêmico e político nos meados dos anos 70, como um referencial crítico às estratégias de desenvolvimento econômico até então levadas a cabo pelos governos de diferentes países do mundo, em décadas anteriores. Uma das principais críticas realizadas pelos estudos de gênero às práticas de desenvolvimento tem sido o papel colocado para as mulheres nas estratégias de desenvolvimento, que reproduzem o modelo patriarcal vigente. Assim sendo, a crítica feminista ao modelo de desenvolvimento não surgiu porque as mulheres foram ignoradas na elaboração das políticas de desenvolvimento, mas porque haviam sido incorporadas nas políticas em termos muito específicos de seu sexo. Em outras palavras, as políticas de desenvolvimento, reproduzindo o modelo patriarcal, reafirmavam o papel clássico dado as mulheres de reprodutoras e por estes motivos se tornavam beneficiárias de projetos focados, especificamente, no bem-estar e no planejamento familiar. Assim, enquanto os homens participam destas políticas como chefes de família e agentes produtivos, as mulheres eram contempladas desde seu rol tradicional no ambiente doméstico. Neste sentido, o movimento teórico-acadêmico que une a perspectiva de gênero ao desenvolvimento rechaça a ideia reformista de integrar as mulheres aos processos de desenvolvimento existentes, defendendo a construção de alternativas para transformar as relações sociais desiguais, em prol de uma maior autonomia e empoderamento das mulheres (PRIEGO, 2002; SOARES et. al., 2005).

Na área do meio ambiente, a contribuição da perspectiva de gênero consistiu em analisar o papel do gênero como o principal organizador das relações que homens e mulheres têm com o meio natural. Deste modo, a temática que envolve gênero, meio ambiente e desenvolvimento aborda o lugar em desvantagem no qual a mulher se encontra no acesso e controle dos recursos naturais e o impacto mais evidente a elas da degradação ambiental, dada a sua dependência com recursos naturais nas atividades reprodutivas. Na pesca artesanal, um crescente número de estudos tem buscado compreender a conexão entre estas perspectivas, aliando-as a temática sobre o desenvolvimento pesqueiro (Macdonald, 2005). Tais estudos têm como escopo

examinar o papel que o gênero desempenha no desenvolvimento dos processos e a maneira como ele se cruza com outros fatores, tais como classe, raça, etnia, para determinar o papel e o status das mulheres em diferentes países, em especial os do Terceiro Mundo (Vázquez-García e Monte-estrada, 2006).

A introdução dos estudos feministas na literatura sobre Desenvolvimento e Pesca tem se tornado relevantes, nos últimos anos, por diversas razões de acordo com Neis e Maneschy (2005:246). Primeiro, as interações entre os processos econômicos e as vidas das mulheres “são extraordinariamente visíveis” no setor pesqueiro por causa de sua natureza baseada na comunidade. Em segundo lugar, o estudo das atividades pesqueiras ajuda a esclarecer “as interações igualmente visíveis entre a divisão do trabalho por gênero no trabalho assalariado, na produção familiar e no trabalho doméstico”. Terceiro, a sobrepesca destaca a relação entre a degradação ambiental e as forças de mercado e as respostas de gênero para elas (Neis e Maneschy, 2005).

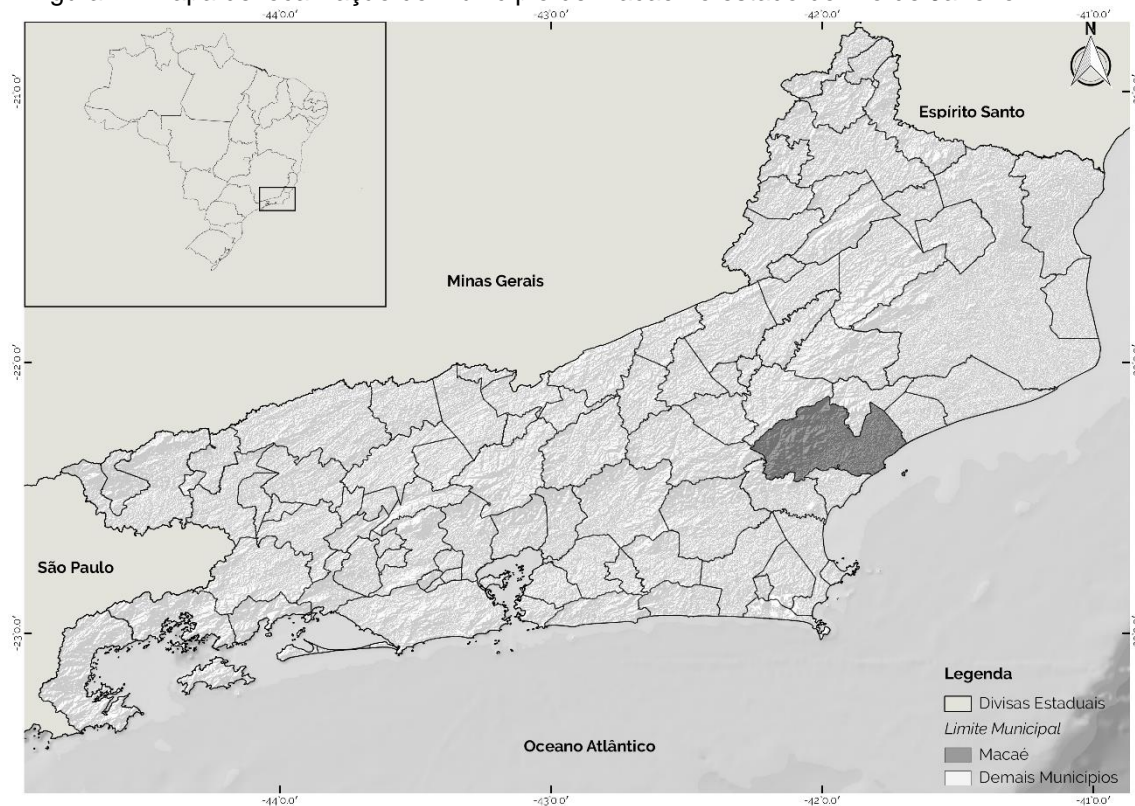
Como em outros trabalhos sobre Desenvolvimento e Pesca, a pesquisa sobre mulheres na atividade pesqueira começou documentando a contribuição do trabalho não remunerado das mulheres para as famílias e comunidades de pescadores. Uma importante área de interesse tem sido o impacto da reestruturação da pesca no trabalho e status das mulheres e a divisão do trabalho por gênero (MacDonald, 2005). Segundo Vázquez-García e Monte-estrada (2006), em diferentes partes do mundo têm proliferado uma variedade de estudos que mostram a grande diversidade nas relações de gênero resultante das disparidades nos processos de mercantilização e nas políticas estatais; diferenças ecológicas, culturais e de classe; e variações no estruturas domésticas e de parentesco.

2. Impactos da indústria do Petróleo na ótica das mulheres da pesca

A atividade petrolífera possui uma posição de destaque na economia dos municípios do litoral norte do estado do Rio de Janeiro, em especial Macaé (mapa abaixo), que experimentou, a partir das descobertas de jazidas de petróleo na década de 70, um súbito crescimento econômico e urbano, o que

tem acarretado significativas mudanças na estrutura econômica e social da região⁵.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Macaé no estado do Rio de Janeiro



Fonte: Projeto Mulheres na Pesca, com base nos dados do IBGE, SRTM e ESRI Ocean

Em que pese os impactos positivos observados no aumento da arrecadação orçamentária de Macaé e de municípios vizinhos, a economia do petróleo manifestou, desde cedo, um caráter seletivo na distribuição dos seus benefícios econômicos, contrapondo um cenário de demandas por empregos qualificados na indústria e nas atividades offshore com os elevados índices de desemprego e pobreza que afetam a maioria da população, que é formada por imigrantes que foram atraídos para cidade de Macaé, motivados pelas oportunidades abertas pelo crescimento econômico (SOUZA; TERRA, 2015).

Na visão das pescadoras e trabalhadoras da pesca as empresas petrolíferas são as únicas beneficiárias do petróleo, enquanto que os efeitos deletérios da atividade recaem sobre eles e suas comunidades. Tais impactos afetam

⁵ As principais infraestruturas que sustentam a indústria de Petróleo em Macaé são o Porto de Imbetiba, o principal porto utilizado pelos navios-rebocadores e por outras embarcações de apoio às plataformas *offshore*, o Terminal de Cabiúnas, onde funciona a Unidade de Processamento de Gás Natural (UPGN) de grande porte, e um parque de tancagem de petróleo (ROCHA, 2013).

sobremaneira a população de pescadoras/es artesanais por estarem estes na linha de frente destes grandes empreendimentos, ao terem seu modo de vida e de reprodução econômica afetados diretamente pelas atividades de implantação de estruturas offshore e extração de petróleo e gás, que causam danos à fauna marítima em virtude da ocorrência de explosões e vazamento de óleo (ROCHA, 2013; SEVÁ, 2010). Soma-se aos impactos à sobrevivência da fauna, a criação de áreas de exclusão para pesca⁶ no em torno das plataformas petrolíferas e a intensificação do trânsito de navios, que provocam conflitos entre as rotas de navegação dos pescadores e as movimentações das embarcações que entram e saem do terminal de Imbetiba, como é demonstrado pelo relato abaixo de uma pescadora de Macaé.

porque passa muitos rebocadores... você sabe que ali a rota onde passa... passa muito navio, rebocadores, passa muito nessa rota ali que atrapalha o pescador (entrevista concedida por E. O.).

Segundo a pescadora, moradora do bairro Nova Esperança, em Macaé, tais conflitos provocaram inúmeros acidentes com embarcações de pesca e destruição de materiais de pesca, ocasionando prejuízos materiais e econômicos, além de colocar em risco a vida dos trabalhadores da pesca.

(...) nós achava muito galão, muitos tanques esses galão assim de Petrobras. Meu marido mesmo sofreu um acidente, meu marido teve um acidente (...) que caiu em cima do cano de leme e pegou na rede de camarão, a boca estourou com o galão daquele de lata (entrevista concedida por E. O.).

⁶ As zonas de exclusão de pesca são áreas no em torno das plataformas petrolíferas que restringem a circulação de embarcações pesqueiras ou qualquer outras que não sejam aquelas de apoio às plataformas. Esta restrição foi determinada pela Norma de Autoridade Marítima nº8 (NORMAN-08/2000), que estipula que são áreas “proibidas a pesca e a navegação, com exceção para as embarcações de apoio às plataformas, em um círculo com 500m (quinhentos metros) de raio, em torno das plataformas de petróleo.” Estas zonas de exclusão ou segurança se justificam pelos critérios de segurança, para prevenção de acidentes que possam ocorrer tanto com os trabalhadores das plataformas, quanto com os próprios pescadores (BRONZ, 2005). Segundo Bronz (2005), em entrevista ao biólogo Silvio Jablonski, as plataformas de petróleo possuem um efeito atrator sobre a pesca, na medida em que elas concentram grandes quantidades de cardumes, devido à proliferação de comunidades biológicas que colonizam as estruturas submersas, criando verdadeiros recifes artificiais. Na visão do professor Jablonski, isto cria um efeito benéfico sobre a pesca, porque estimula a rota de peixes para o em torno das plataformas, permitindo que eles sejam capturados antes de atingirem o círculo de 500m de área de proibição da pesca (BRONZ, 2005).

Na ótica das mulheres trabalhadoras da pesca existe um conjunto de correlações entre as atividades promovidas pela indústria do petróleo e os danos ambientais causados nos ecossistemas de pesca. O primeiro impacto que a indústria do Petróleo teria causado na vida dos pescadores, segundo o relato das pescadoras entrevistadas, foi a remoção da população da região conhecida como Pontal, invadida pelo mar na década de 80. O deslocamento da população em decorrência do avanço do mar provocou o adensamento da região periférica da cidade e a criação dos bairros de Barra de Macaé, Nova Brasília e Nova Holanda, formados inicialmente por pescadores, mas que hoje concentram também trabalhadores de outros setores da economia, formal e informal. Para as mulheres ouvidas pela pesquisa há uma correlação entre o avanço do mar e as instalações das primeiras estruturas da Petrobrás na cidade:

a gente tinha várias casas no pontal ali, várias famílias que era uma vila de pescadores, porque eu me lembro quando era criança e minha avó mesmo morou ali né durante muitos anos. E essa vila ali o mar foi comendo, por causa da ressaca de mar... começou comendo umas casinhas lá (...) na verdade...a gente teria como evitar isso aí fazendo um quebra mar... que na verdade existe um quebra mar lá (Porto de Imbetiba) né... que a gente tem um porto ali na Imbetiba, mas na verdade aquele porto... na verdade quando foi construído aquele porto foi aonde começou a destruir todas as casas do pontal. (entrevista concedida por R.R.).

As experiências e o conhecimento adquirido pelas mulheres sobre o meio ambiente e as condições físicas e biológicas dos ecossistemas é percebido quando elas relatam a sua ótica dos impactos ambientais que interpelam o seu labor e impõem sérios riscos à viabilidade da pesca. A pescadora E.O., que pesca no rio Macaé, que passa aos fundos da sua casa, relata as suas percepções acerca das alterações que o rio sofre em decorrência dos efeitos de um modelo econômico centrado na indústria do Petróleo

devido a pesca, minha casa tem os fundos pra beira do rio. Então, o nosso barco, a nossa embarcação, canoa, tudo é nos fundos da minha casa. E eu observo ali que tem época da lua cheia, inclusive foi na segunda-feira, a maré subiu tanto, mas tanto e água salgada purinha, que meu quintal ficou alagado. E você poderia fazer a prova da água, que a água estava totalmente salgada. Você vê que é a água do rio, do mar entrando pra dentro do rio, entendeu? Que não era a água doce. Porque, quando é água doce, você vê que vai descendo da serra pro mar, e já essa estava entrando do mar pra dentro do rio. Eu já vi também, já presenciei também, é vários, mais ou menos de um palmo, tentando buscar oxigênio, tontos, a gente pegava, peguei muito (entrevista concedida por E. O.)

Estudos científicos corroboram com a visão apresentada por E. O. Neste sentido, Sevá (2010) explica que a salinização do leito do rio Macaé é um fenômeno decorrente da subtração da vazão d'água do rio antes da sua chegada ao mar, permitindo que “a cunha salina e as marés avancem progressivamente rio adentro, alterando as características bioquímicas do manguezal estuarino e, portanto, alterando sua fauna.” (SEVÁ, 2010, p.13). Para E.O., este processo vem se intensificando no último ano e está relacionado com a construção de um novo porto, no Bairro de Barreto.

Eu acredito que foi depois que eles começaram a mover... A passagem para o (...) a construção do Porto ali do Barreto (...) Aí, tem aqueles navios, que estão com aquelas sondas. Eles estão revirando ali. E tudo que estão revirando, é tipo que ta tendo um sonoro, alguma coisa, porque, a pescaria que dava aqui na Boca da Barra, a gente não temos mais, depois disso tudo. E muitos peixes de água salgada estão entrando pro rio (entrevista concedida por E. O.)

Na avaliação de outra trabalhadora da pesca, R.R., a construção de um novo Porto no bairro Barreto pode acarretar novos problemas de ordem socioeconômica para os pescadores/as artesanais que vivem nos bairros periféricos próximos ao novo empreendimento:

Como Macaé tá prevista a construir um porto lá no Barreto, então se eles não fizerem um quebra mar ali, até quem mora na Barra (Bairro Barra de Macaé) o mar vai comer aquelas casa todas ali. Isso aí com certeza vai atingir todas as casas na Barra, porque o mar quando fica bravo ele já vai com a água quase até ao asfalto, você imagine fazendo mais outro quebra mar lá no Barreto pra construir um porto? O mar vai comer tudo como comeu o Pontal (entrevista concedida por R.R.)

Entretanto, ao analisarmos os conflitos socioambientais em regiões petrolíferas é importante levar em conta a influência de outros fatores na determinação da estrutura social e urbana destas regiões. Neste sentido, estudos realizados por Bustamante e Jarrín (2005) apontam que a atividade petrolífera não é um fator único e o mais determinante para conformação da estrutura social de regiões que estão sob a influência da economia do petróleo. Tal evidência indica que outros fatores e estruturas são mais determinantes no nível de qualidade de vida da população, embora é preciso dizer que o trabalho de Bustamante e Jarrín (2005) não considerou a análise de indicadores ambientais para determinar a influência da exploração do petróleo sobre a qualidade de vida das populações.

Em definitivo, os relatos das trabalhadoras da pesca dão a dimensão do drama⁷ vivenciado por toda a comunidade de pescadores, que além de serem os extratos mais pobres da sociedade, são os que mais sofrem com a escassez dos recursos naturais provocados pela poluição dos rios e lagoas, pelo desmatamento dos manguezais em função da expansão urbana desenfreada e aterramento de lagoas e contaminação dos mares por dejetos provenientes de embarcações e plataformas marítimas. Neste contexto de escassez e vulnerabilidade, compreender a percepção das mulheres acerca dos problemas que afetam a pesca é fundamental, pois a estreita relação que elas têm com o ecossistema e com o manejo dos recursos - devido não somente ao seu rol de reprodutoras no interior dos espaços domésticos, que compartilha com os homens da casa os dramas que eles trazem do dia-a-dia de trabalho, mas também como produtoras - confere a elas habilidades e conhecimentos acerca dos fatores ambientais e de natureza antrópica que interpelam a atividade da pesca. Entretanto, o conhecimento adquirido por estas mulheres e o seu trabalho na pesca não é efetivamente reconhecido e a quantidade e trabalho que a mulher se dedica a esta atividade é relativizado ou não apreciado, julgado como não trabalho, sendo em quase todos os casos mal remunerado. Assim sendo, o rol das mulheres na esfera produtiva da pesca e sua relação com a esfera de reprodução é um fator importante de análise.

3. Relações sociais de gênero na pesca e impactos socioambientais

A pesca é considerada por muitos como uma atividade masculina, sendo os homens os responsáveis pela captura do pescado, enquanto o trabalho das mulheres é pouco considerado e valorizado, quase sempre visto como complementar ao homem e reservado a esfera doméstica. Tal desconsideração pelo trabalho feminino pode estar relacionada com a visão dicotômica entre espaço público/privado, que reflete a divisão sexual do trabalho ao atribuir a

⁷ A noção de drama aqui utilizada deriva da concepção apresentada por Victor Turner como uma sucessão sincrônica de eventos que estabelecem uma profunda interação entre “os padrões normativos estabelecidos no curso de regularidades profundas” da vida social, estabelecendo uma ligação entre os processos e experiências sociais com as estruturas sociais (CAVALCANTI, 2007, apud TURNER, 1996, p. 26 e 27). Nesta perspectiva de Turner, os processos sociais são vistos como dramas que correspondem na forma de descrição das tensões e conflitos às tragédias encenadas em um palco teatral (CAVALCANTI, 2007)

mulher o trabalho no espaço doméstico (reprodutivo), enquanto que o trabalho de captura, feito no mar (espaço público) é atribuição exclusiva dos homens.

No caso da pesca em Macaé, ainda que haja a presença de mulheres na atividade de captura do pescado, em geral, esta presença está estrita aos ambientes de águas de interiores (rios e lagoas) que utilizam pequenas embarcações e canoas e não requer um tempo de trabalho longo como na pesca em alto-mar, pois da mulher se exige também os cuidados da casa e dos filhos.

Comumente, estes ambientes de pesca, como o rio Macaé que corta os bairros periféricos onde habita a maioria da população de pescadores, ficam nos fundos das casas, próximo ao ambiente doméstico. Já a pesca oceânica, longe da costa e em águas profundas utiliza de tripulação quase exclusivamente masculina. A maioria das mulheres que visitamos e entrevistamos se dedicam a atividades que requerem habilidade e maior emprego do tempo na terra, como o processamento do pescado (filetagem, limpeza e descasque) e remendos de redes e podem ser executadas no ambiente doméstico, onde o trabalho produtivo é conciliado com o trabalho de reprodução da família.

Eu criei meus filhos aqui, onde tá a cadeira dela aqui ó, um dormia aqui, aí já tinha uma cobertinha um tapetinho e o outro dormia eu sentada, com o tabuleiro no meio da perna. Então, meus filhos foram criados nesse mundo. (...) Então eles foram criados aqui, meu marido ia pro mar e eu cuidava e trabalhava aqui, oh. (entrevista concedida por E. O.)

Diversos trabalhos acadêmicos têm evidenciado a dupla responsabilidade que as mulheres têm assumido na pesca, conciliando as tarefas domésticas de criação dos filhos e cuidado com a casa com as tarefas profissionais (MANESCHY, 1995; WOORTMANN, 1992; MALDONADO, 1986; FAO, 2017, FASSARELLO, 2008).

A estas mulheres cabe a execução de tarefas complementares como a fabricação dos materiais da pesca e o beneficiamento do pescado, que é executado no ambiente doméstico. As crianças são criadas neste ambiente, rodeando as bancas improvisadas montadas na varanda ou no quintal das casas para o descasque do camarão ou a limpeza e filetagem do peixe. No relato abaixo, a ex descasadora de camarão D.B. conta, em entrevista junto com sua filha M.B., que trocou um emprego de auxiliar de cozinha em um restaurante para descascar camarão em casa para poder cuidar dos filhos:

Era porque eu cuidava deles, não deixava eles sozinhos. (...) Aí tinha um espaço assim do tamanho desse aqui, espaçozinho assim (...) que era a varanda de casa, no caso. (...) Aí encostava as caixas e cinco horas da manhã já começava o pessoal trazer o camarão todo no isopor e eu trabalhava. (...) Aí tinha dia que eu ia até onze horas da noite. (entrevista concedida por D.B. e M.B.)

(...). Quando as crianças estavam maior, aí eu voltei trabalhar fora. (entrevista concedida por D.B. e M.B.)

lh, tomou muito banho de água de camarão (a filha de D.B., M.B.). Caía dentro das caixas de camarão, aí depois logo começou a descascar. Meu filho também, minha outra filha... todo mundo descascando camarão (entrevista concedida por D.B. e M.B.).

Muitas crianças, em especial as meninas, quando atingem a idade de sete ou oito anos, começam a auxiliar a mãe no descasque do camarão ou na limpeza do pescado, como pode ser demonstrado pelo relato de M.B., filha de D.B.:

Mais ou menos sete (quando M.B. começou auxiliando a mãe na limpeza do peixe). Sete a nove anos minha mãe me colocou pra descascar (...) Da onde que eu lembro em diante foi dos meus sete anos pra frente. (...) Quando eu era criança só não limpava peixe porque mexia com faca, mas camarão... (entrevista concedida por M.B.)

A divisão bipolar do trabalho que atribui a mulher o trabalho na terra e ao homem o trabalho no mar se reforça mesmo quando a mulher “sai” para pescar, pois a pesca exercida por braços femininos fica restrita aos ambientes mais próximos a casa. Assim, quanto mais distante da terra, quanto mais para fora, em alto mar - o espaço público -, menos acesso tem as mulheres e mais masculina se torna a pesca. Já a pesca quando realizada no litoral, na praia, nos mangues e rios possui maior presença feminina. Assim, a praia, onde as mulheres vão ajudar a puxar a rede na pesca de arrasto, o mangue onde se realiza a cata do caranguejo e o rio se tornam os ambientes de dentro, o espaço privado, a casa das mulheres.

Em definitivo, ainda que seja comum ouvir dos pescadores que a pesca é uma atividade aberta a participação feminina, há meios simbólicos de controle informal dos espaços de interação entre os pescadores, que se operam por meio das relações de gênero. Uma destas formas de controle informal com fortes dimensões cognitivas e simbólicas pode ser evidenciado em nossa pesquisa, quando uma pescadora local relatou o uso de comportamentos e palavreados

impróprios por parte de homens em espaços de desembarque do pescado, que impunha as mulheres presentes naquele local certos constrangimentos.

No mercado, eu sempre evitei de ir muito no mercado, porque (...) ali dentro do mercado, infelizmente dá muito homem, e muitos deles não sabem decifrar as coisas que existe mulher no meio deles, e muito deles usa muito palavrões, fala muitas besteiras, e eu me sentia mal ali no meio deles. Então, eu comecei a cortando a minha ida no mercado de peixe. Aí, sempre quem ia pra mim era meu marido, meu filho e meu neto. Eu evitava de ir, porque eu mesma me sentia envergonhada(..) Ali é feio mesmo. (...) Então, por isso que eu comecei evitando. Meu marido também me preservou, pediu pra eu poder não ir pra evitar brigas, evitar problemas. (entrevista concedida por E.O.)

Na prática, o acesso e uso destes espaços estão zoneados em uma divisão que tem notáveis implicações de gênero: as atividades dos homens estão centradas no mar e nas águas dos rios e canais que cortam a periferia das cidades, enquanto que as atividades femininas se centram no pós-pesca (beneficiamento e processamento do pescado), por meio do trabalho de filetagem, limpeza e descasque do camarão, ainda que haja um certa presença feminina na pesca de rios e no mangue. Assim, o mar é o domínio masculino, enquanto que a casa é o espaço - naturalizado pelas relações de gênero - da mulher e das crianças.

O zoneamento destes espaços por relações de gênero tem maiores implicações para as mulheres em um contexto de alta vulnerabilidade ambiental como é o caso dos ambientes de pesca em Macaé. Ainda que os impactos verificados pelas atividades econômicas de exploração do petróleo sejam diretamente e inicialmente experimentados pelos homens, pois a atividade de captura em alto-mar, como já mencionado, é uma atividade de domínio masculino, os impactos de toda cadeia produtiva do petróleo e da crescente urbanização desenfreada, que é resultado direto da indústria do petróleo, está se tornando mais sensível em ambientes de pesca continentais onde há maior presença feminina, como os rios e mangues. Estes ambientes apresentam uma capacidade de recuperação frente aos impactos no meio ambiente menor que o ambiente do mar, o que afeta sobremaneira a renda auferida por mulheres que se dedicam a atividade de pesca nestes ambientes. Assim sendo, os ambientes onde concentram a maior parte do trabalho feminino de captura do pescado são

os mais expostos às transformações provocadas pelos impactos socioambientais verificados na cidade de Macaé.

A dupla jornada de trabalho nas tarefas domésticas e profissionais é quase exclusivamente exercido pela mulher. Isto porque estruturas tradicionais de subordinação da mulher frente ao homem têm destinado as atividades domésticas, previamente definidas como parte do “trabalho reprodutivo” como responsabilidade da mulher. Como evidenciado no nosso trabalho de campo, o trabalho doméstico representa uma tarefa pesada, não somente porque determina o uso do tempo da mulher, mas também porque impede que a mulher se envolva em outras atividades. O trabalho doméstico é uma tarefa ainda mais pesada quando a mulher dispõe de menos tempo para isto, sobretudo pela demanda de tempo e esforço que as atividades produtivas impõem, tais como as atividades de pesca e de beneficiamento e processamento do pescado, que agregam renda a família, mas que ao mesmo tempo dependem do trabalho masculino de captura.

Para contextualizar o trabalho doméstico de uma mulher que se dedica a atividade de pesca é importante descrever as atividades diárias realizadas por uma das entrevistadas, C. C., que trabalha no descasque do camarão:

Meu trabalho na pesca eu vou comprar o camarão no mercado, eu acordo quatro horas da manhã, vou pro mercado. Fico lá esperando aparecer barco pra comprar. Depois eu venho embora e eu mesmo descasco (entrevista concedida por C.C.).

Quando chega do mercado com o camarão por volta das oito horas da manhã, C.C. começa a descascar o camarão, em uma banca improvisada, colocada em um pequeno corredor, com um telhado ainda em construção, que dá acesso ao interior da casa.

Geralmente eu começo sete, oito horas da manhã (...) Já pego logo, nem descanso. Anteontem mesmo eu estava virada; tinha nem dormido (...) Tem dia que eu vou até meia noite. São os dias que eu tiver de segunda à quinta, se eu tiver camarão, porque eu trabalho na praça, na sexta sábado e domingo. De segunda a quinta se tiver camarão eu vou até tarde, meia noite. Já fui até uma hora (entrevista concedida por C. C.).

O trabalho produtivo, de descasque do camarão, é quase sempre intercalado com as tarefas domésticas e de cuidados com os filhos. A maioria das tarefas da casa é realizada por C.C. Quando o marido de C.C. está em casa

(ele passa cerca de seis dias direto no mar pescando), ele colabora com algumas tarefas domésticas como o preparo da comida e a responsabilidade de levar a filha na escola, mas a tarefa de organização, limpeza da casa, da roupa e da louça é exclusiva de C.C. E quando perguntada se ele ajuda no trabalho de descasque do camarão, C.C. é enfática em dizer que não.

(...) paro pra fazer almoço pra minha filha, pra botar (a filha) pra escola (...) eu paro (o trabalho de descasque do camarão), faço comida. Vou intercalando. Paro, faço uma coisa, lavo uma louça (entrevista concedida por C.C.).

Arruma (o marido) a casa, não. Quem arruma a casa é eu. Ele pode fazer uma comida, porque eu peço ele pra fazer. Isso aí ele faz, mas fora isso, não. Ele fica com ela (filha), leva pra escola, pega (entrevista concedida por C.C.).

Esta exclusiva responsabilidade sobre as atividades domésticas e o cuidado dos filhos determina também que as condições de vida das mulheres sejam mais difíceis frente aos impactos negativos das atividades econômicas de extração petrolífera. Ainda que estes impactos afetem em distintos graus a toda população, e tanto a homens quanto a mulheres, o aumento dos custos da pesca pela instalação de áreas de exclusão de pesca e a perda dos recursos naturais pelos impactos da poluição e da destruição dos mangues e rios afeta de forma diferenciada as mulheres. O aumento nos custos da atividade e a escassez dos recursos pesqueiros impõe um aumento da jornada de trabalho tanto a homens quanto a mulheres que se dedicam às atividades produtivas. No entanto, o aumento do tempo e do esforço dedicado as atividades produtivas, no caso das mulheres, é ainda conciliado com o tempo e esforços dedicados as atividades reprodutivas. Assim, a maior carga horária das mulheres acaba por repercutir na falta de tempo a outras atividades, como de lazer e no descanso, e na deterioração da saúde.

E eu comecei como descascadeira. Tinha mais ou menos umas quinze mulheres que trabalhava pra mim. Dali era o rumo eu virava a noite, dia e noite, eu dormia durante a madrugada acho que era duas horas. Tirava aquele cochilo, amanhecia o dia já estava aqui de novo. (...) Mas agora eu não tô conseguindo mais subir (escada) por causa da coluna, nove hérnia de disco, fora escoliose, artrose, reumatismo está pelo corpo todo e eu mexia com muito gelo e corpo quente, ficava pela madrugada, mexendo revirando o gelo e pegava muito peso eu botava em cima de uma moto ai é cento e oitenta, duzentos quilos. Meu filho vinha atrás pendurado, segurando, andava na ponta do bico da moto pra poder botar as caixas ali atrás. Eu agarrava isopor de camarão que

tinha homem que não aguentava agarrar eu agarrava. Eu me sentia feliz forte, mas hoje tô detonada, aí em consequência de peso (Entrevista concedida por E.O.)

Embora a pesca em alto-mar é também exaustiva, quando os homens voltam do mar, o período que ficam em casa é dedicado ao descanso, mas o trabalho feminino é intermitente, como podemos perceber no relato de C.C.

(...) a pesca é tudo complicada. É muito dolorosa, né. Eles ficam muito tempo no mar. Cansa muito. Meu marido chega já caindo no sofá e descansa para poder voltar pro mar. (entrevista concedida por C.C.)

Ademais, o trabalho doméstico contribui também para imobilidade da mulher, uma das razões para os quais as atividades produtivas das mulheres ficam restritas, para maioria das mulheres, às atividades de beneficiamento e processamento do pescado que podem ser realizadas no espaço da casa, onde o tempo de trabalho é dividido com o de cuidado com os filhos. Enquanto que os homens possuem maior disponibilidade de tempo para se dedicarem a diferentes atividades de pesca e, em época mais agudas de crise, a buscarem outras formas de emprego.

Eu sou casada há dezenove anos, só que tem uns quinze anos que eu tô nessa coisa aí da pesca, porque não podia trabalhar, né? Porque eu tive dois filhos, aí a gente pra trabalhar fora não pode. Aí eu falei assim: “meu Deus, como é que eu vou fazer pra mim trabalhar, pra mim ganhar meu dinheiro e ajudar meu marido?” É aonde eu pedi a ele pra trazer o peixe pra fazer filé. Pedi a ele o camarão, pra trazer o camarão pra mim descascar e vendo até hoje o filé e o camarão. (entrevista concedida por C.V.)

Na obstante a isto, as mulheres desenvolvem estratégias para compensar as dificuldades impostas pelo trabalho e pelas condições sociais, como a criação de redes sociais informais e arranjos que colaboram, especialmente, na execução das tarefas de reprodução, como os cuidados com os filhos. Nestas comunidades, estas redes de apoio implicam muito mais do que tornar o uso do tempo dedicado às atividades produtivas mais eficiente, representa também, para estas mulheres, a única possibilidade de uso do tempo para tarefas produtivas externas, como quando elas se dedicam a atividade de pesca no rio e no mangue, visto que elas podem contar com a ajuda de outras mulheres para o cuidado com os filhos pequenos.

Os tipos de arranjos executados para apoiar as tarefas domésticas e cuidado com os filhos são variados, mas estão centrados nas relações familiares e de comadrio e de vizinhança, pois estas mulheres usam de forma recorrente a ajuda de suas mães, avós, madrinhas ou comadres.

Conheço todo mundo. (...) Do coreto pra cá, todo mundo conhece todo mundo. É tudo unido. O pessoal é nascido e criado, assim. (...) Aí quando não tinha o defeso e não tinha o camarão, eu passava o que passava, mas sempre contava com a ajuda das pessoas. Eu fazia uma faxina pra vizinhos ou as vezes minha tia me chamava pra eu ajudar ela e ficava lá mesmo com ela, comia, dormia. Por isso que falo essa tia, nem é tia pra mim, é mãe. Ela mora aqui atrás aqui (Entrevista concedida por V.O.).

As filhas também são extremamente importantes no contexto da atividade da pesca, especialmente para as mães solteiras, pois elas ajudam ativamente com o trabalho doméstico.

É porque, quando era mais nova (filha), ficava em casa comigo, aí eu botava pra me ajudar a fazer as coisas de casa e a me ajudar a descascar. Ai, ela aprendeu. (...) hoje ela está descascando. Ela começou agora também no camarão. Ela tá até limpando, ela e a sogra dela (Entrevista concedida por V.O.)

Em síntese, as famílias não possuem um só padrão estrutural de relações, ao contrário, este é variado e abrange múltiplas estratégias de sobrevivência frente à vulnerabilidade social. As relações de compadrio, comadrio e de vizinhança verificadas nestas comunidades pesqueiras não são apenas parte da tradição e dos costumes antigos destas populações, mas também são apropriadas racionalmente como estratégias contra as difíceis condições de vida.

Considerações finais

Embora os impactos da indústria do petróleo sobre a população de pescadores sejam identificados em toda classe pesqueira, afetando tanto a homens quanto a mulheres, o objetivo de nosso trabalho foi identificar um conjunto de impactos negativos que seja visível ao nível da relação de gênero. A forma diferenciada que homens e mulheres experimentam os impactos socioambientais de grandes empreendimentos, como estes da indústria do

Petróleo em Macaé, está fortemente vinculado a divisão sexual do trabalho, que determina acessos e controles diferenciados dos recursos produtivos e naturais. Assim, cabe ressaltar ainda que as desigualdades de gênero também se manifestam na forma como se determina o controle e o acesso aos recursos do ecossistema e aos espaços de pesca. Tais restrições se operam por mecanismos simbólicos e culturais que estão na base da divisão sexual do trabalho.

De modo conclusivo, este trabalho objetiva demonstrar a existência de uma divisão sexual do trabalho na pesca, onde predomina uma estrutura do trabalho familiar eminentemente feminino, enquanto que o trabalho produtivo é considerado tarefa dos homens, apesar de ter participação tanto masculina como feminina. Este fato tem ligação com as relações estruturais tradicionais de subordinação das mulheres aos homens em quase todas as sociedades e parte das quais homens e mulheres adquirem distintas percepções acerca da realidade social e ambiental. Deste modo, persiste uma ideia de que homens são provedores e únicos responsáveis pela viabilidade econômica das famílias, enquanto que as mulheres são as responsáveis pelo trabalho reprodutivo e segurança emocional das famílias.

A divisão sexual do trabalho tem repercussões importantes na vida das mulheres, uma vez que estas desigualdades têm impactos no âmbito dos valores sociais, afetando, sobretudo, suas identidades, sua autoestima e o valor social do seu trabalho. Da mesma forma, tais desigualdades implicam na presença debilitada das mulheres nos espaços públicos, em especial de decisões e aquisição de informações que afetam o desenvolvimento de habilidades e capacidades, o que contribui também para a invisibilidade feminina nos relatórios e diagnósticos ambientais.

Levando em conta esta dinâmica social, todas as propostas e programas de sustentabilidade não afetarão as bases da desigualdade social caso não se modifiquem as normas culturais e os papéis e níveis de poder das mulheres. Para tanto, é necessário construir no âmbito político ações específicas no sentido de modificar dinâmicas sociais que afetem as relações de gênero de maneira a contribuir para o aumento do bem-estar das mulheres e alcançar a igualdade entre homens e mulheres no âmbito das atividades produtivas. Um dos passos importantes em direção a igualdade de gênero na pesca é a construção de

programas e diagnósticos que incentivem o debate acerca de gênero e meio ambiente.

Neste sentido, o projeto Mulheres na Pesca, do qual esta pesquisa está submetida, está construindo um importante meio de divulgação da relação gênero e meio ambiente que é uma cartografia dos conflitos socioambientais na perspectiva das mulheres trabalhadoras da pesca. A cartografia, que será disponibilizada no site do projeto, se constitui como importante instrumento político para transformação da condição feminina em um “problema público”⁸ que seja capaz de superar o problema socioambiental e sirva como fonte de mobilização das mulheres e articulação política na luta pelo reconhecimento social e legal de seus direitos e para promoção de políticas públicas.

Referências

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR ISO 14004:2004 – Sistemas de Gestão Ambiental: Diretrizes Gerais sobre Princípios, Sistemas e Técnicas de Apoio**. Rio de Janeiro, ABNT, 2004.

ACSELRAD, H. As práticas espaciais e o campo dos conflitos ambientais. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

BEZERRA, M. O. “Grandes Empreendimentos”, pertencimento local e gestão de acesso ao trabalho. **Repocs**, v.12, n.23, jan/jun de 2015.

BRASIL. **CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE – CONAMA**. Resolução 001/1986. Brasília, 1986.

BRONZ, D. **Pesca e Petróleo na Bacia de Campos – RJ: Políticas de Licenciamento Ambiental no Mar: Atores e Visões**. Dissertação de M. Sc. em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

BUSTAMANTE, T. & JARRÍN, M. C. Impactos sociales de la actividad petrolera en Ecuador: un análisis de los indicadores. **Revista de Ciencias Sociales**, vol. 21, pp. 19-34, 2005.

⁸ Seguindo a perspectiva de Valcarce (2005) e Lança (2000) um fato ou situação se torna um problema público quando adquire uma dimensão societal, sendo reconhecido por um conjunto de atores que se mobilizam para tematização e reconhecimento social da situação problema. A tematização e reconhecimento do problema enquanto público é fruto de conflitos e controvérsias que operam nas arenas públicas e derivam das representações que a sociedade faz do problema. Deste modo, a tematização do problema depende de uma série fatores como a relação do fato objetivo que origina o problema com o discurso dos meios, o estado da opinião pública e a configuração da agenda política (VALCARCE, 2005; LANÇA, 2000)

CAVALCANTI, M. L. V. de C. Drama social, notas sobre um tema de Victor Turner. **Cadernos de Campo**, 16/16, dez., p. 127-138, 2007.

FAO. **Promover la igualdad de género y el empoderamiento de las mujeres en la pesca y la acuicultura**, 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i6623s.pdf>

FASSARELLA, S. S. O trabalho feminino no contexto da pesca: percepções a partir do olhar feminino. **SER Social**, v. 10, n. 23, p 171-194, jul/dez., 2008.

LANÇA, I. B. A construção dos problemas públicos. Elementos para uma análise do caso Timor. **Antropológicas**, nº 4, pp. 113-130, 2000.

MALDONADO, S. C. (1986). **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática.

McDONALD, Martha. **Lessons and Linkages: Building a Framework for Analyzing the Relationships between Gender, Globalization and the Fisheries**. In: NEIS, Barbara et al. (Org.). *Changing Tides; Gender, Fisheries and Globalization*. Halifax: Fernwood Publishing, p. 18-28., 2005.

MANESCHY, M. C. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores do litoral do Pará. **Boletim do Museu Permanente Emilio Goeldi, série Antropológica**, v. 11, n.2., 1995.

MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, Dezembro, 2005

MOLYNEAUX, M., STEINBERG, D. L. El ecofeminismo de Shiva e Mies: regresso al futuro? *Ecología Política*, nº 130, pp.13-23, marzo-abril, 1995.

NEIS, B. and Maria C. MANESCHY. Moving Forward. In **Changing Tides. Gender, Fisheries and Globalization**. Barbara Neis, Marian Binkley, Siri Gerrard and Maria Cristina Maneschy (eds.). Halifax, Canada: *Fernwood Publishing*, pp. 245-255, 2005.

PATERMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 347., 1993.

PEA-BC. **Relatório Final do Diagnóstico Participativo do PEA-BC referente ao Plano de Trabalho para continuidade do Diagnóstico Participativo da Bacia de Campos**. Rio de Janeiro: SOMA/PETROBRÁS, 2012.

Priego, K. Experiencias exitosas en la incorporación de la perspectiva de género en Políticas Públicas. **Red de Género y Medio Ambiente**, México, 2002. Disponível em: <http://biblioteca.semarnat.gob.mx/janium/Documentos/Ciga/libros2009/HQ1240E96.pdf>

ROCHA, D. F. **Impactos da exploração petrolífera sobre a pesca, os ecossistemas costeiros e a situação de saúde de comunidades de pescadores artesanais de Macaé/RJ**. Tese (Mestrado em Saúde Pública) —

Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, 2013.

VALCARCE, F. L. La sociología de los problemas públicos. Una perspectiva crítica para el estudio de las relaciones entre la sociedad y la política. **Revista crítica de Ciências Sociais e Jurídicas**, vol. 12, nº2, 2005.

SCHRAIBER, L. B., D'OLIVEIRA, A. F. L. P. **Violence against women: interfaces with Health care, Interface _ Comunicação, Saúde, Educação**, v.3, n.5, 1999.

SCOTT, J. W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SEVÁ, F, A. O. Cercamento do litoral pelo capital petrolífero: sinais das derrotas dos pescadores e marisqueiros. **VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**. Porto de Galinhas, PE. Brasil. GT7 - Dinâmicas territoriales y disputas por recursos naturales, 2010.

SOARES, D., CASTORENA, L., RUIZ, E. Mujeres y hombres que aran en el mar y en el desierto. **FRONTERA NORTE**, Vol. 17, nº. 34, pp. 67-102, Julio-diciembre DE 2005.

SOUZA, J. DE; TERRA, D. C. T. Indústria petrolífera, mercado de trabalho e nível de dependência da mão de obra exógena nos municípios produtores de petróleo da Bacia de Campos, RJ. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 17, n. 1, p. 123–143, 2005.

STADLER, H., & CARMO, L. T. F. do. Identidade de gênero como ferramenta política entre as lideranças femininas da pesca em Pernambuco. In H. de A. L. Leitão (Org.). **Coisas do gênero: diversidade e desigualdade** (pp.179-190). Maceió: Edufal., 2011.

VÁZQUEZ-GARCIA, V. And MONTES-ESTRADA, M. Gender, subsistence fishing and economic change: A comparative study in southern veracruz, mexico. **International Journal of Sociology of Food and Agriculture** – Vol. 14 (1), September., 2006.

WOORTMANN, E. F. D. Da complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 18, p. 41-60, Fevereiro., 1992.